



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Terra sem Mãe', de Ana Marques Gastão]

Levi Condinho

Para citar este documento / To cite this document:

Levi Condinho, "[Recensão crítica a 'Terra sem Mãe', de Ana Marques Gastão]", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 456-457.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

E o terreno, árido, rejeita-as / E o aço parte-se.
/ Queremos certas lágrimas / Mas já é tarde»
(p. 50). Note-se que a própria esperança soa a desespero: «O coração começa a partir janelas / O horizonte fica de cabeça para baixo / A espumar esperança.» (p. 10).

Perante a realidade, a atitude é mesmo de recusa, e a «quimera», que tudo transfiguraria com a sua «ternura», só poderá ter sentido irónico: «Para que serve o remédio, o comprimido? / Regressa-se sempre ao que se queria esconder / Com renovada violência. Regressa-se à recusa / Anterior. Sempre com a quimera de um dia / Ser diferente, de a ternura vir com / Data de validade e pronta a servir.» (p. 22.) Recusa-se a sordidez do quotidiano, as «zangas por tudo e por nada» (p. 27), os «Rostos baços e tristes, porque era domingo / E a merda da televisão / E www, coisas assim» (p. 34). E descobre-se «O medo de acabar no suicídio» (p. 42), o ódio e a raiva que turvam a inocência e inviabilizam o cumprimento das promessas: «Ser forte, mandar / Para que o mundo não se abra a meus pés / Para que não tenha que me matar. / E tu mãe que me disseste / Os homens a terra o mar, que me propuseste / O sacrifício e o altar, também sentes este ódio / Esta raiva, também vês o mundo a desfilar?» (p. 84.) Até as palavras se convertem no seu contrário, num silêncio que se torna quente e luminoso, que se agradece: «Passa-se à carne, à salada / E as conversas começam sobre a vida, passam à política / Tornam-se memória magoada e rancor e / Intriga. O silêncio circula e os cigarros servem / Às fogueiras que em cada olhar se extinguem.» (p. 71.) A poesia revela-se incapaz de dar coerência e sentido ao mundo, de o apreender e partilhar: «Era tão bom se o mar / As cadeiras verde-néon, a amarela tristeza / E a crueldade como lâminas em cada olhar / Era tão bom sabermos o nome desta flor.» (p. 54.)

A dor e a extrema lucidez são incompatíveis com um fingimento que tornasse mais suportável a presença do mundo: «Mas o mundo irremediavelmente / Não me cabe na caixa do correio / Tampouco o amor. E posso literalmente fazer de conta» (p. 62); «Torna-se difícil fingir / Fingir que o amor é isto que / A dor não existe» (p. 70). Quando muito, pode falar-se de estratégias de sobrevivência — de «sobrevivência em sustenido» (p. 35) —, a partir da configuração de micro-oásis que por momentos derrubam as muralhas erguidas contra a angústia do quotidiano, afastando o tédio ou o sofrimento: «Olho-te e estremece, foste apanhada / E é tudo tão rápido, o tédio vai-se, o brilho / Reata-se. Fico sentado apoiado às almofadas / A ouvir-te rir e chorar, a ouvir-te falar.» (p. 69.) E a poesia configura-se como intervalo, anestésica aceleração que momentaneamente evita a catástrofe e — tam-

bém a nós — permite continuar: «Como é diferente o inverno quando as ruas / Estão desertas e os gestos que se encontram / Soam a reclame ou a fotograma. / Então escrevo e pela escrita louvo-te e é tudo tão rápido // O sofrimento, estes dias em que uso o telefone / Como quem espera um milagre.» (p. 68.)

José Ricardo Nunes

ANA MARQUES GASTÃO

TERRA SEM MÃE

Lisboa, Gótica / 2001

Depois das recensões críticas de Maria Teresa Horta, no *Diário de Notícias* de 31-I-2001, e de Eugénio Lisboa (autor, aliás, do prefácio do livro) no *JL* de 16-V-2001, difícil se torna dizer algo de relevante sobre este pungente e delicado livro de Ana Marques Gastão, *Terra sem Mãe*.

Se na primeira obra da Autora, *Tempo de Morrer Tempo para Viver*, do qual houve recensão de Natércia Freire, no n.º 149/50 desta revista (Julho-Dezembro de 1998), como no prefácio assinala António Osório, «a poesia é feita tanto de rigor como de desejo» (p. 9), em *Terra sem Mãe* é o rigor que «obstinadamente» se estabelece. Os trinta e oito textos sucedem-se numa sequência tão perfeita e unificada que não parece errado dizer-se que estamos perante um só poema.

Na p. 43 de *Tempo de Morrer Tempo para Viver* pode ler-se o seguinte verso: «Se se aceitar o vazio pouco se sofre». No contexto do poema em que tal verso surge, o «vazio» encarna uma categoria ontológica abstracta, generalizante, de pendor metafísico. Mas outro é o sinal do «vazio» em *Terra sem Mãe*, como, desde logo, o próprio título deixa entrever. A morte real da Mãe da poetisa povoa, em concreto, a Terra, aí deixando o lastro do vazio como herança: «o vazio, predestinada mãe, / é a palavra do quotidiano.»

Em *Ensaio sobre a Experiência da Morte* (Lisboa, 1994, p. 27), escreve Paul-Louis Landsberg: «No preciso momento em que o ser vivo nos abandona é que vamos experimentar a ausência misteriosa da pessoa espiritual. Por um instante sentimos alívio. Terminou a dor da simpatia carnal, mas sentimo-nos repentinamente transportados até ao estranho e frio mundo da morte consumada. [...] Se a morte era a *presença ausente*, o morto passa a ser a *ausência presente*.» Assim, se num momento se lê «Mãe, salva-me / de teus olhos mortos» (p. 29), noutra a *ausência presente* surge, como em altivo desafio ao «carrasco» (Deus, a fatalida-

de, a doença, a energia negativa da existência, ou, mais do que isso, um certo e indiscernível *alguém*... que, em raiva, tendemos a acusar) — «Mataram-te, / mas não no meu poema» (p. 48) —, clara afirmação de que, pela inscrição no corpo da poesia, viva se manterá a presença inapagável da «pessoa espiritual», a Mãe amada.

E se o poema é um registo para uma memória potencialmente eterna, tão eterna quanto a duração do livro que guarda preciosamente a palavra, mais importante será, decerto, a declaração da autora/filha, assumindo o efêmero quotidiano num propósito de perpetuação e comunhão com o ente amado: «Mãe, tua morte / não me pertence / mas teu corpo é meu / no espaço de todos os dias.» (p. 40.) Declaração de amor que percorre todo o texto, assumindo, por assim dizer, a figuração de uma *Pietà* em versos como «Caiu em meus braços / teu corpo morto» (p. 19); assumindo também uma aspereza quase brutal, como que num apelo exorcístico e catártico em «Da tua história / expulsa o tumor. / Num lençol de sangue / alcançarás o repouso» (p. 16); e assumindo enfim a culpa que psicologicamente sempre nos atinge perante a morte do *outro*, sobretudo quando esse *outro* nos é tão próximo: «Nossa é a culpa. / Sangra / o anjo hirto / porque deus / engoliu sua voz» e «Os órfãos morrem de condenação» (p. 21). Mas, em pacificação própria contra essa «aspereza» e contra essa «culpa», tudo se resolve nestes três belíssimos versos: «Cálida presença / a morte é uma rua / com um fim de pétalas» (p. 36).

Terra sem Mãe não será apenas o ajuste de contas com o desgosto, a revolta, o lamento — é, por fim, também a dolorosa aceitação de quem se acha, de súbito, como órfão sobre o Mundo («Qualquer coisa sou / criança ou mocho / de destino baço / o da agonia dos outros», p. 17). Sendo um livro em que, assumidamente, a A. emite a sua fala na primeira pessoa, desafiando conceitos, sem dúvida válidos, mas tão válidos como os contrários, sobre o apagamento identificador, confessional e biográfico do poeta, *Terra sem Mãe* não se fixa apenas na morte/vida da mãe, antes cria uma dialéctica entre os dois pólos geradores e tão intrinsecamente associados na irrupção da vida que são a *Mãe* e a *Terra*: «Tínhamos o movimento da Terra / e eu compreendia as coisas / como se absorve a luz com os olhos. / Existiam as tuas mãos.» (p. 15.) Mas, sem a Mãe, outra é a visão — visão desfalcada de algo do seu sentido pleno — da Terra («Eis o que resta / da minha pátria. / A mão que procura / sem lógica amargura / o corpo desses mortos», p. 22). Visão de órfão sobre o Mundo, como antes escrevi, mas visão também como que de utópica esperança num vislumbre de continuidade da vida para além do irremediável acontecimento da morte, ou talvez mesmo por via dela:

«Regressem, ó mortos, / macios, angélicos mortos, / porque o tempo / das espigas / chegou / e o odor a frutos maduros / oculta / tua derradeira / enfermidade.» (p. 25.) Entretanto, não nos ocorre aqui pensar em qualquer sentido de religiosidade tendente à crença num Além enquanto existência transcendental, pois é ao mundo orgânico e real das espigas, dos frutos maduros, dos ciclos da natureza que se reclama o regresso dos mortos para nesses mesmos ciclos se incorporarem num «reino todo ele deste mundo» (lembrando Albert Camus).

Por fim, como que num processo de inversão e de permuta, é a própria filha que de si fará a entrega redentora ao corpo da Mãe, ao próprio corpo da Terra: «Repouso / ó mãe / minha morte / em teu colo.» (p. 42.) Redenção recaindo sobre o destino inevitável do prosseguimento de uma vida em que «A tristeza / é uma árvore / disforme» (p. 13), sobre a constatação de um absurdo existencial que nos é dado com uma sugestão vagamente oriental: «Que é a vida / senão / um bramido / inútil?» (p. 16), sobre a inevitabilidade de um eterno retorno ao *mesmo*, «Feto final / não vem a morte / do fulgurante início?» (p. 32). E bem sabe o (a) poeta que «Quem morre, morre só» (p. 32), pois se a *vida* é, quase sempre, um exercício de solidão mascarada ou edulcorada por mil e um artificiosos que a podem tornar mais ou menos pesada, mais ou menos «livre», mais ou menos preenchida pelo (des)encanto, é na *morte* que, radicalmente, sem apelo nem agravo, nos encontraremos sós.

Quase a terminar, precisamente no penúltimo poema da obra, surge um dos mais veementes documentos, quase um resumo, quase uma promessa ou jura, onde, em seis esplêndidos quartetos que, anaforicamente, começam, todos eles, por «Te amarei, mãe», podemos ler, em remate: «Te amarei, mãe / quando sei e digo / Deus já não é sombra, / mas naufrágio esplendoroso» (p. 49). Eis a absoluta pacificação, não pelo esquecimento, mas pela assunção em esplendor, em abertura para uma inefável totalidade, mesmo que prefigurada em naufrágio.

Uma palavra derradeira seja dedicada ao fino estilo, à depuração, à contenção verbal, que não foge, no entanto, ao brilho da apropriada mas não excessiva adjectivação, ao lirismo vivo, comovido e, pese embora o tema da Grande Ausência que se chora, afirmação recatada mas profunda de uma aceitação, dolorosa embora, da Vida. Porque «Pela dor íngreme / se chega a ti / vergasta o vento / teu breve corpo / silencioso, feliz, / em sua urna de água» (p. 50 e final do livro).

De um fôlego, como ficamos enriquecidos com a leitura de *Terra sem Mãe*...